

2

A produção da “Região Olímpica de Deodoro”

(...) o modo de produção organiza, produz, ao mesmo tempo que certas relações sociais, seu espaço (e seu tempo). É assim que ele realiza, posto que o modo de produção projeta sobre o terreno estas relações, sem, todavia, deixar de considerar o que reage sobre ele. Certamente, não existiria uma correspondência exata, assinalada antes entre relações sociais e as relações espaciais. A sociedade nova se apropria do espaço preexistente, modelando anteriormente; a organização anterior se desintegra ao modo de produção integra os resultados. (LEFEBVRE, 2006, p.7)

Neste primeiro capítulo, buscamos entender a lógica da prefeitura do Rio de Janeiro ao propor uma regionalização da cidade, tendo como objetivo a divulgação das áreas que serão sedes de eventos esportivos das Olimpíadas, que são: A Região Olímpica da Barra, a Região Olímpica do Maracanã, a Região Olímpica de Copacabana e a Região Olímpica de Deodoro. Assim, para tentar entender a lógica dessa tentativa de regionalização, este capítulo foi dividido em três subitens. No primeiro subitem, abordamos algumas questões teóricas sobre o bairro, nos baseando nos trabalhos de Lefebvre (1978), Ramos (2002) e Souza (1989, 2015), que superam a ideia de bairro como sendo apenas um espaço delimitado pela prefeitura em seu planejamento, além de criticar o que os autores chamam de “ideologia de bairro”, na qual, em linhas gerais, o bairro é capaz de organizar a vida urbana independente da cidade e de seu centro.

No segundo ponto deste capítulo, abordamos a produção do espaço nos bairros de Deodoro e do bairro da Vila Militar, em que traçamos um histórico da formação desses bairros, destacando a importância dos trens e da lógica militar de produção do espaço na formação do bairro de Deodoro. Assim, dialogamos com autores que serviram como base metodológica para a realização desta pesquisa, como Fernandes (2006), que escreve sobre a importância dos espaços militares na morfologia da cidade do Rio de Janeiro, e Abreu (2011), o qual realizou uma importante análise sobre a formação urbana na cidade do Rio de Janeiro. Dialogamos, também, neste primeiro momento, com Capel (2005) que levanta as questões de localização dos quartéis na cidade de Barcelona que, em pesquisas anteriores como a nossa monografia de graduação, percebemos que há

semelhanças entre as lógicas utilizadas pelo Exército espanhol, em sua reorganização dos quartéis nas cidades, e pelo Exército brasileiro. Santos (1988; 2004; 2014) contribuiu com o desenvolvimento desse ponto através de suas análises acerca do espaço e das técnicas.

Além desses autores, outra importante fonte de informação foi a Revista Comemorativa do Centenário da Vila Militar lançada em 2008. Nela estão contidas diversas informações acerca do período de construção deste enorme aparato militar, sendo uma fonte valiosa para a pesquisa. Contribuindo com o nosso estudo, nos apoiamos em McCann (2007) que fez um trabalho histórico sobre a situação do Exército brasileiro no fim do século XIX e início do século XX, sendo pano de fundo da construção da Vila Militar.

Por fim, no terceiro ponto, abordamos as representações do bairro de Deodoro dentro de um ideário fomentado pela mídia e pelo poder público, no contexto da “Cidade Olímpica” e de suas “Regiões Olímpicas”. Utilizamos como base para a nossa análise autores como Lefebvre (1983) e Sanchez (2001; 2007), em que discutimos o papel das representações do espaço, além de nos apoiarmos nas análises regionais de Haesbaert (2010) para discutir esta forma de regionalização proposta pelos organizadores dos Jogos Olímpicos de 2016.

2.1 O Bairro e algumas proposições teóricas

Para entendermos o que significa esta tentativa de regionalização da prefeitura do Rio de Janeiro, primeiro devemos entender o conceito de “bairro”. Para Ramos (2002, p. 66), o bairro não é apenas uma “área demarcada, limitada, um simples suporte físico administrativo de uma determinada população”. Numa primeira tentativa de buscar uma definição para “bairro”, George (1983, p. 76) define este como sendo:

unidade da vida urbana. (...) O morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem a impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro (...) é com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a

representação popular. Finalmente, e não é o menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade.

Indo contra essa definição de bairro dada por George (1983), Lefebvre (1978, p. 195) faz uma crítica ao que ele denomina de “ideologia de bairro”, colocando o bairro como essência da realidade urbana. Ou seja, tal crítica vai contra a ideia de que o bairro é capaz de organizar a vida urbana, servindo como um modelo (RAMOS, 2002, p.66). Indo além da crítica a essa “ideologia de bairro”, Lefebvre (1978, p. 199) propõe uma maneira de pensá-lo. Segundo o autor, o bairro só pode ser definido a partir da cidade entendida como uma totalidade, conforme podemos observar no trecho seguinte:

O único procedimento científico para compreendê-lo [a compreensão do bairro], para defini-lo, determinando seus limites e seu grau de realidade, é o que se baseia na cidade como totalidade e não como conjunto de elementos ou série de aspectos que engloba (e em consequência na sociedade como um todo superior às formas, às estruturas e às funções). Sejam quais forem as dificuldades de acesso à totalidade e de apreensão do global, este procedimento é o único aceitável; é o único que evita a inadmissível redução do conjunto aos elementos.¹

Dessa forma, podemos afirmar que, para Lefebvre (1978), o bairro não existe como uma unidade autônoma e isolada da cidade como um todo, conforme dá a entender a definição proposta por George (1983). Ramos (2002, p.66) destaca ao afirmar:

Segundo esse autor (Lefebvre), o bairro só pode ser definido a partir da cidade entendida como totalidade. Ou seja, o bairro não existe como uma unidade isolada e autônoma. Nesse sentido, apoiados nas formulações de Lefebvre para a compreensão de bairro, podemos citar um ponto fundamental na definição de Pierre George, citada anteriormente, uma vez que para ele, o bairro é uma “unidade de base da vida urbana”. O bairro é uma unidade, porém, como propõe Lefebvre, uma “unidade sociológica relativa”, que só pode ser pensada tendo-se em vista a cidade como totalidade, não sendo, pois, a base da vida urbana.

Para Lefebvre, de acordo com Ramos (2002), a base para a vida urbana é o centro. Ainda segundo o autor, (2002, p.66) é “a noção da centralidade que

¹El único proceso científico para llegar a él, para definirlo, determinando sus límites y su grado de realidad, es el que se basa en la ciudad como totalidad y como conjunto de elementos o colección de los aspectos (y en consecuencia en la sociedad como un todo superior a las formas, a las estructuras y a las funciones) que engloba. Sean cuales fueren las dificultades metodológicas y teóricas del acceso a la totalidad y a la globalidad, este proceso es el único aceptable; el único que evita la inadmisibles reducción del conjunto a los elementos, Tradução nossa

constrói, que torna possível a cidade e seus bairros”. Reforçando essa ideia, Seabra (2001, p.2) nos diz que a “todos quantos vivam a qualquer distância do centro, mas se reconheçam nele pertence a cidade. A cidade e seus bairros como núcleos da vida local constituem uma unidade plena de diversidade”.

Dessa maneira, Ramos (2002 p.66) nos diz que o bairro não pode ser pensado de forma atemporal, deslocado da historicidade da cidade na qual está inserido, conforme o trecho:

O bairro não pode ser pensado de forma atemporal, ou seja, ignorando a história da cidade, pois ele não tem grau de realidade constante ao longo dela e sua existência histórico-concreta depende da conjunção de vários aspectos da sociabilidade de um local ao longo de um dado período.

Seabra (2001, p. 11) vai ao encontro de Ramos (2002) ao acrescentar que é necessário compreender a historicidade do bairro, conforme o trecho seguinte:

Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e por que tanto se evoca o bairro. Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias nem às nostalgias. Impõe-se compreender a historicidade do bairro.

Por outro lado, o bairro também pode ser entendido como a mediação entre o espaço privado e o espaço público, entre a vida familiar e as relações societárias mais amplas. Assim, o bairro é o lócus de uma sociabilidade intermediária, baseada no compartilhamento de referências espaciais comuns, construído no nível da vida cotidiana (RAMOS, 2002, p. 67).

Dessa forma, os bairros possuem graus de realidades distintos em diferentes momentos de sua história (RAMOS, 2002, p.66). Lefebvre (1978, p. 201) aponta algumas características que colaboram para o estudo do bairro:

O bairro é uma sobrevivência pura e simples. Ele é mantido por inércia. O peso Histórico assegura a alguns bairros certa sobrevivência. Existe um microdeterminismo, resultado de antigas conjunturas e decisões, que compromete a vida urbana. É o caso das “ilhas”, heranças de outras épocas.

O bairro é uma unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. Na ausência dos bairros, igual à ausência das ruas, poderá existir a aglomeração, tecido urbano e megalópoles. Mas não há cidade. O espaço e tempo social deixam de ser orgânicos e organizados. Coincidem com o espaço geométrico; mas são apenas enchimentos. Em consequência, o estudo deve diferenciar os bairros moribundos, os destruídos ou decompostos, dos que ainda se conservam. O problema consistirá em definir um *optimum* de adoção, que permitam consolidar as unidades “estruturantes-estruturadas”.

O bairro possui uma meia-existência, simultânea, para o habitante e para o sociólogo. Constituem-se relações interpessoais mais ou menos duradouras e profundas. É o maior dos pequenos grupos sociais e o menor dos grandes grupos. A proximidade no espaço e no tempo substitui as distancias sociais, espaciais e temporais. Isto é baseado num limiar na expressão e a existência sociológica: a transição do acessível ao indivíduo ao solo (o habitante) ao inacessível como tal.²

Dessa forma, para Lefebvre (1978, p. 201 - 202) ao bairro corresponde a:

Um equipamento mais ou menos suficiente e completo. Não só um monumento (igreja), mas uma escola, uma agência dos correios, uma zona comercial, etc. Um determinado bairro, desta forma, não é por si só auto-suficiente. O equipamento depende de grupos funcionais mais amplos, ativos à escala da cidade, da região, do país (...). A estrutura do bairro depende estreitamente de outras estruturas mais vastas: municipalidades, poder político, instituições.³

Segundo o mesmo autor, é dentro do nível do bairro que o espaço e tempo dos seus habitantes tomam forma e ganham sentido dentro do espaço urbano (LEFEBVRE, 1978, p. 202). Lefebvre (1978, p. 202-203) faz o que o autor denomina de uma “tipologia de bairro”. Tal tipologia, através de um inventário e da comparação dos equipamentos, pode permitir:

(...) classificar os bairros em diferentes tipos: os que se mantêm, os que se consolidam, os que desaparecem. Esta classificação exige o estudo das imbricações e relações internas e externas entre os bairros e o meio circundante (...). Evidentemente a tipologia não é suficiente. Mantém-se classificadora e estática.

²A) El barrio es una pura y simple supervivencia. Se mantiene por inercia. El peso de la Historia asegura cierta supervivencia a algunos barrios. Existe un microdeterminismo, resultado de antiguas coyuntura y decisiones, que compromete la vida urbana. Es el caso del “islote”, herencia de otras épocas.

B) El barrio es una unidad sociológica relativa, subordinada, que no define la realidad social, pero que es necesaria. Sin barrios, igual que sin calles, puede haber aglomeración, tejido urbano, megalópolis. Pero no hay ciudad. El espacio y tiempo social dejan de ser orgánicos y organizados. Coinciden con el espacio geométrico; pero son sólo rellenos. En consecuencia, el estudio debe distinguir los barrios moribundos, los destrozados o descompuestos, de los que aún se conservan. El problema consistirá en definir un optimum de dotaciones, que permitan consolidar las unidades “estructurantes-estructuradas”.

C) El barrio tiene una existencia a medias, simultáneamente para el habitante y para el sociólogo. Se constituyen relaciones interpersonales más o menos duraderas y profundas. Es el más grande de los pequeños grupos sociales y el más pequeños de los grandes. La proximidade en el espacio y em tempo sustituye las distancias sociales, espaciales, temporales. En base a esto constituye un umbral en la expresión y la existencia sociológica: el tránsito de lo accesible en cuanto tal. Tradução nossa

³ Corresponde, pues, a los barrios un equipo más o menos suficiente y completo. No sólo un monumento (iglesia) sino una escuela, una oficina de correos, una zona comercial, etc. Um bairro determinado de esta forma, no es por ello autossuficiente. El equipo depende de grupos sociales más amplos, activos a escala de la ciudad, de la región, del país (...). La estructuras del barrio depende completamente de otras estructuras más vastas: municipalidades, poder político, instituciones. Tradução nossa

Deve prolongar-se com um estudo da tendência geral. E esta tendência vai em direção ao reforço ou, ao contrário (é o que pensamos) vai em direção ao desaparecimento do bairro? Existem várias tendências conforme a cidade cresça ou se estanque, conforme o tipo de crescimento da cidade, por exemplo, pela indústria, pelos serviços ou pela via política? Na maioria das cidades, a investigação da tendência se insere dentro do estudo da região, do território que a rodeia e do planejamento deste território.⁴

Assim, Ramos (2002, p.67) define o bairro como sendo, ao mesmo tempo, uma existência concreta-objetiva e uma existência subjetiva-intersubjetiva. Ou seja, “ele é definido a partir de critérios objetivos, apurados diante do espaço sensível e, simultaneamente, a partir de critérios que mergulham na intersubjetividade do grupo social que nele vive e o aceita como bairro.” Dessa forma, Souza (1989, p.149) acrescenta:

No entanto, o bairro pertence àquela categoria de “pedaços da realidade social” que possuem uma identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores dos outros bairros da cidade, ainda que com variações. (...) A atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da identidade do bairro na mente do indivíduo, a própria bairrofilia, dependem de diversas circunstâncias.

Embora o bairro possua uma identidade aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros que compõem a cidade, devemos ressaltar que a análise do bairro deve levar em consideração a interação objetivo-subjetivo, conforme Ramos (2002, p. 67):

Tais atributos do bairro estão compreendidos nos meandros que percorrem os elementos da relação dialética objetivo-subjetivo. Sem esta interação, mutuamente determinada (objetivo-subjetivo), os bairros, ou são coisificados, pela objetividade extrema, ou, por outro lado, fantasmagorizados, pela subjetividade extrema.

Acrescentando ao raciocínio de Ramos (2002), Souza (1989, p. 150) nos

⁴(...) clasificar los barrios en diferentes tipos: los que se mantienen, los que se consolidan, los que desaparecen. Esta clasificación exige el estudio de las imbricaciones y relaciones internas y externas entre los barrios y lo que les rodea. (...) Evidentemente la tipología no es suficiente. Se mantiene encasilladora y estática. Debe prolongarse con un estudio de la tendencia general? Va hacia la consolidación, esta tendencia, o, por el contrario (es lo que pensamos) hacia la desaparición del barrio? Existen varias tendencias, según la ciudad crece o se estanca, según el tipo de crecimiento de la ciudad, por ejemplo, por la industria, por los servicios, o por la vía política? En la mayoría de las ciudades, la investigación de la tendencia se inscribe dentro del estudio de la región, del territorio que la rodea y la planificación de este territorio. Tradução nossa

auxilia ao afirmar:

As pessoas inconsciente ou conscientemente sempre “demarcam” seus bairros, a partir de marcos referenciais que elas, e certamente outras antes delas, produzindo uma herança simbólica que passa de geração a geração, identificam como sendo interiores ou exteriores a um dado bairro. Os limites do bairro podem ser imprecisos, podem variar um pouco de pessoa para pessoa. Mas se essa variação for muito grande, dificilmente estar-se-á perante um bairro, porque dificilmente haverá um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico suficientemente expressivo. Para existir um bairro, ainda que na sua mínima condição de referencial geográfico, é necessário haver um considerável espaço de manobra para a intersubjetividade, para uma ampla interseção de subjetividades individuais.

Em outro momento, o mesmo autor (2015, p.152) salienta:

Começamos distinguindo três tipos de critérios, ou “conteúdos”, com os quais podemos abordar o tema dos bairros: trata-se dos conteúdos “composicional”, “interacional” e “simbólico” (...). Esses três “conteúdos” servem de referência para identificarmos as características distintivas do bairro, entre a objetividade e a (inter) subjetividade.

Assim, o mesmo autor (2015, p. 152-153), descreve estes “conteúdos” no seguinte trecho:

O “conteúdo composicional” se refere às características “objetivas” concernentes à composição de classe (e também em matéria de atividades econômicas) e à morfologia espacial.

O “conteúdo interacional”, por seu turno, tem a ver com as relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos, e que ajudam decisivamente a definir se há algum tipo de “centralidade” e de “força centrípeta” que concorra para estabelecer um determinado espaço, durante um período maior ou menor de tempo, como possuindo uma certa “individualidade” (...).

Por fim, o “conteúdo simbólico” diz respeito à imagem de um dado subespaço intraurbano como um espaço percebido e vivido, como um bairro, e não meramente como um recorte ao qual se chega (uma instância de planejamento estatal, por exemplo) com base em algum critério “objetivo” definido em gabinete.

Ramos (2002, p. 67-68) chama a atenção para o fato de que não se pode compreender o bairro e sua historicidade sem possuir a clara “concepção dos processos que alimentam as suas transformações”. Dessa forma, no nosso próximo ponto, tentaremos analisar a formação do bairro de Deodoro e a origem do bairro da Vila Militar, levando em consideração as análises de Lefebvre (1978), Ramos (2002) e Souza (1989).

2. 2

História, realização e projeto: Os bairros de Deodoro e Vila Militar

A estação de Deodoro é a mais antiga do ramal, inaugurada em 1859, com o nome de Sapopemba, homenagem ao engenho de mesmo nome, base da economia da região. Após a proclamação da República, em 1889, o nome foi alterado para o atual, referência ao Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República. (MANSUR, 2011, p. 79)

Conforme discutimos anteriormente, ao analisarmos o bairro, devemos superar o que Lefebvre (1978) classifica como “ideologia de bairro” e considerar a historicidade e a inserção do bairro dentro do conjunto da cidade em um determinado momento histórico. Dessa forma, seguindo as propostas de Lefebvre (1978), Ramos (2002) e Souza (1989), ao tratarmos sobre as origens e a ocupação do bairro de Deodoro (figura 1), devemos considerar a importância das linhas férreas, assim como a abertura de novas estações, como impulsionadoras na ocupação deste espaço, atualmente conhecido como zona oeste do Rio de Janeiro.

Figura 1: Os limites do bairro de Deodoro dentro do município do Rio de Janeiro



Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/default.htm> Acesso em: 16 de setembro de 2015

Abreu (2011, p.50) destaca o papel do trem ao afirmar:

Ao contrário dos bondes, que penetram em áreas que já vinham sendo urbanizadas ou retalhadas em chácaras desde a primeira metade do século, os trens foram

responsáveis pela rápida transformação de freguesias que, até então, se mantinham exclusivamente rurais.

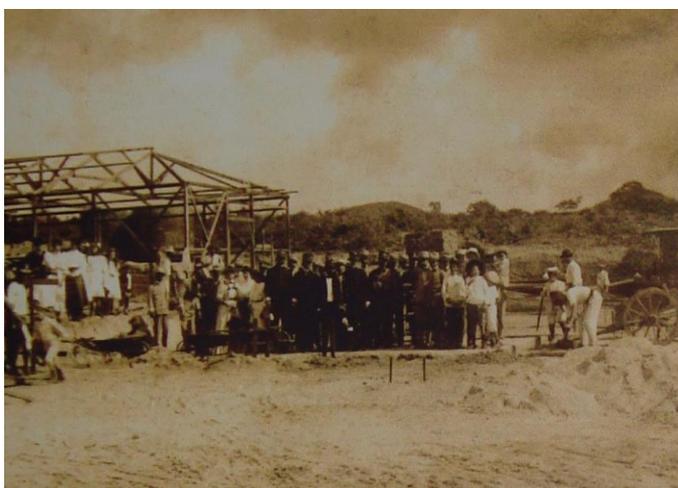
Antes da implantação da estrada de ferro Dom Pedro II em 1858, e a construção, em 1859, da estação de Sapopemba, o bairro de Deodoro (antigo bairro de Sapopemba) era apenas uma área rural com algumas fazendas de engenho (SOUZA, 2012). Abreu (2011 p.50) corrobora ao afirmar que Sapopemba, à época da inauguração da estrada de ferro, era um pequeno núcleo que servia a uma população rural esparsa e isolada. As figuras 2 e 3 mostram a paisagem do bairro de Deodoro na época da construção da Vila Militar em 1908. Nestas figuras podemos observar que havia ali poucas construções e uma ocupação tipicamente rural.

Figura 2: Fotografia da Serraria de Sapopemba em 1907



Fotografia da Serraria da Fazenda de Sapopemba em 1907. Fonte: Revista do Centenário da 1ª Divisão de Exército e Vila Militar, 2008, p 9.

Figura 3: Fotografia do lançamento da pedra fundamental da Vila Militar em 1908



Fotografia do momento em que é lançada a pedra fundamental do 1º Regimento de Infantaria em março de 1908. Fonte: Revista do Centenário da 1ª Divisão de Exército e Vila Militar, 2008, p 12.

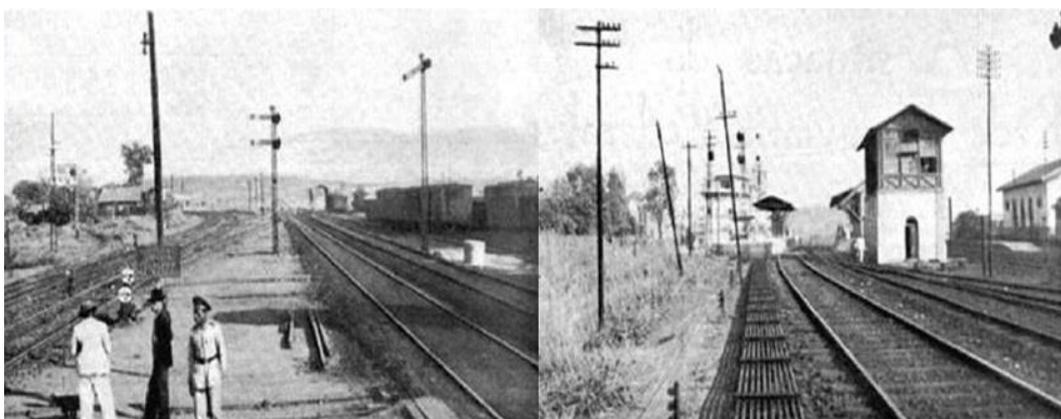
Souza (2012, p.3) destaca que a implantação da ferrovia desencadeou um desarranjo das terras rurais em Deodoro, conforme o trecho seguinte:

A implantação da ferrovia trouxe como resultado imediato mudanças para esse local, pois nos primeiros anos, posterior a sua inauguração, ocorreu um desarranjo das terras rurais com a saída de algumas famílias que preferiram colocar suas propriedades à venda assim que perceberam que a cidade crescia em direção a essas áreas.

Assim, desde 1859, com a implantação da Estação de Sapopemba, atual Estação de Deodoro (figura 4), a presença do trem foi um importante vetor na ocupação deste espaço na cidade do Rio de Janeiro (ABREU, 2011, p. 50). De acordo com Souza (2012), a implantação da linha ferroviária trouxera resultados imediatos não apenas para o bairro de Deodoro, mas de todos os bairros suburbanos que se desenvolveram a partir daí. Abreu (2011, p. 50) acrescenta ao afirmar:

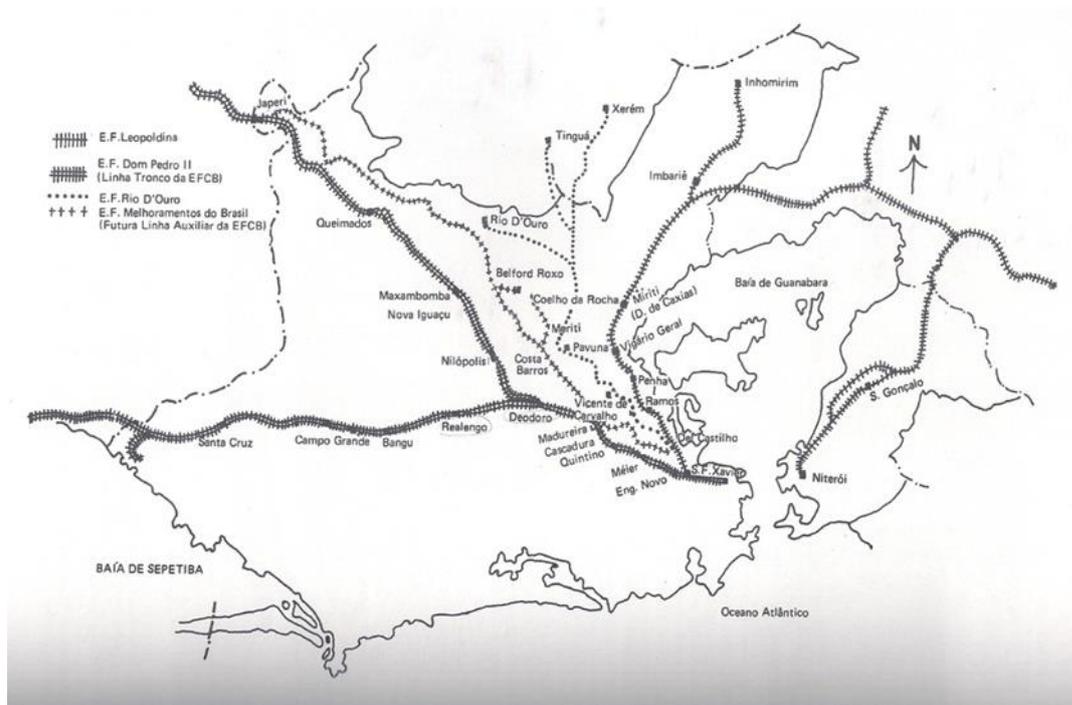
A existência de uma linha de subúrbios até Cascadura incentivou, de imediato, a ocupação do espaço intermediário entre esta estação e o centro. Antigas olarias, curtumes, ou mesmo núcleos rurais, passaram então a se transformar em pequenos vilarejos, e a atrair pessoas em busca de uma moradia barata, resultando daí uma elevação considerável da demanda por transporte e a conseqüente necessidade de aumentar o número de composições e de estações.

Figura 4: Estação de Deodoro em 1936:



Fonte: http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/historianostrilhos22_maio2004.htm. Acesso em 16 de setembro de 2015.

Figura 5: Localização das Estradas de Ferro no município do Rio de Janeiro e Região Metropolitana:



Fonte: ABREU, 2011, p. 51

Ainda sobre a importância da ferrovia na ocupação deste espaço da cidade, Souza (2012, p.4) nos auxilia ao observar:

O crescimento urbano em direção aos subúrbios foi mais intenso nas primeiras décadas do século XX, levando ao retalhamento de algumas fazendas que ainda não haviam sido desapropriadas. Com isso, esses loteamentos foram dando origem a diversos bairros – dentre eles o de Deodoro – que além de abrigar uma população de classe média já residente no local, começou a atrair também as camadas mais populares devido ao baixo preço dos terrenos e ao acesso ao Centro facilitado pela existência da linha férrea. Essas áreas serviram também para abrigar algumas indústrias que haviam sido expulsas da zona sul da Cidade.

Abreu (2011, p. 50) descreve a ocupação deste espaço da cidade:

O processo de ocupação dos subúrbios tomou, a princípio, uma forma tipicamente linear, localizando-se as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno das estações. Aos poucos, entretanto, ruas secundárias, perpendiculares à via férrea, foram sendo abertas pelos proprietários de terras, ou por pequenas companhias loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos.

Ao mesmo tempo em que destacamos a importância da linha férrea na

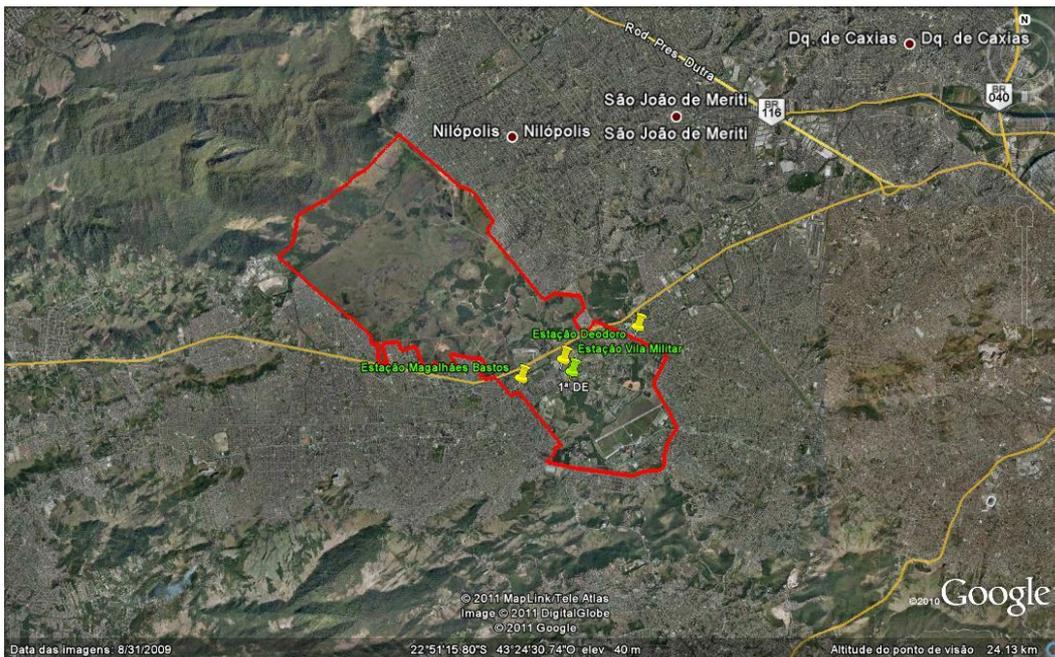
formação e ocupação deste espaço, Davies (2014, p. 7) também chama a atenção ao papel das Forças Armadas como atuante na produção do espaço do bairro de Deodoro e outros bairros próximos, como o bairro de Realengo e o de Magalhães Bastos, conforme podemos observar no seguinte trecho:

[...] os primeiros produtores desse espaço urbano foram as Forças Armadas e as indústrias. A primeira dessas unidades foi a Fábrica de Cartuchos e Artilharia de Realengo, inaugurada em 1898 à frente da estação ferroviária do bairro. Um pouco depois, em 1906, foi a vez da abertura da Companhia Tecidos de Linho de Sapopemba, no atual bairro de Deodoro – que até 1908, possuía esse nome em referência à antiga fazenda da região.

O início do século XX, segundo Davies (2014, p. 7), foi o período no qual se define e se consolida as bases da formação do bairro de Deodoro com a sobreposição da ocupação militar, neste período, com a construção da Vila Militar em 1908. Localizada numa posição central do território do antigo Distrito Federal e no entroncamento de importantes ferrovias e rodovias, a Vila Militar foi um marco para o processo de modernização do exército, que teve início em princípios do século XX. A Construção da Vila Militar foi conduzida pelo então ministro da guerra, Marechal Hermes da Fonseca, e está inserida no movimento de reorganização e modernização pelo qual vinha passando o exército brasileiro (FERNANDES, 2006).

Originalmente, a Vila Militar, situada na cidade do Rio de Janeiro, ocupava as áreas que pertenciam aos bairros de Deodoro, Magalhães Bastos e Realengo, localizados na zona oeste da cidade. Atualmente, por conta do Decreto Nº 5280 de agosto de 1985 (RIO DE JANEIRO, 2004), essa área passou a ser reconhecida como um bairro do município do Rio de Janeiro. As figuras 6 e 7 mostram a área original do projeto da Vila Militar e a atual divisão dos bairros.

Figura 6: Área original do projeto da Vila Militar.



A imagem acima retrata a área do Complexo da Vila Militar e o seu entorno. Os limites demonstrados acima foram desenhados tendo como base os depoimentos de soldados e oficiais que serviram na Vila Militar. Fonte: Google Earth.

Figura 7: Atual aérea do bairro da Vila Militar.



A figura acima demonstra a atual área do bairro da Vila Militar. Fonte: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/default.htm> Acesso em: 16 de setembro de 2015

Percebemos, pelas imagens acima, que os limites do bairro da Vila Militar, descrito pelos soldados, não coincidem com os limites do bairro delimitados pela prefeitura do Rio de Janeiro. Isso vai ao encontro da questão discutida no item anterior, em que o bairro é mais do que os limites impostos pelo poder público, sendo os seus limites traçados através da apropriação do espaço e da vivência dos habitantes. A Vila Militar, hoje, é constituída por cinquenta quartéis e escolas,

sob o comando direto da 1ª Divisão de Exército, somando um total de cinquenta e uma guarnições e com um efetivo aproximado de 20 mil militares, entre oficiais e soldados (REVISTA CENTENÁRIO DA 1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO E VILA MILITAR, 2008, p. 36-37). Mesmo sendo um bairro na cidade, a Vila Militar é caracterizada como um perímetro de ocupação do Exército que concentra, além dos quartéis e das escolas, as residências dos oficiais. Convém dizer, ainda, que o bairro apresenta um padrão urbanístico excepcional, gerido por excepcionais, como, por exemplo, a conservação do espaço público ser realizada pelo próprio Exército (DAVIES, 2014, p. 3).

A Vila Militar surgiu como uma necessidade de se tornar um modelo a ser seguido na formação de soldados e oficiais do Exército. Ela veio a suprir uma necessidade da época que era a falta de locais adequados para a instrução, pois não havia quartéis com as condições necessárias para uma instrução eficiente e sem as mínimas condições sanitárias. Dessa maneira, a Vila deveria se tornar o padrão de excelência a ser seguido. A construção da Vila na área que hoje tomamos como a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, abrangendo o as áreas dos bairros de Deodoro, Realengo e Magalhães Bastos, e se tornando, conseqüentemente um centro de poder na periferia, pode estar inserida na seguinte lógica explicitada por Capel (2005, p. 331):

Essa localização é sempre decidida em função das necessidades de defesa e o controle da localidade, ou seja, com relação à acessibilidade das principais estradas para a cidade. Tendo em vista as preocupações com o domínio da cidade em caso de revolta [...] ⁵

Um exemplo dessa estratégia, controle da localidade e necessidades defensivas, é o surgimento, em meados dos anos de 1920, em pleno governo Arthur Bernardes, da famosa frase “a Vila vai descer”, referindo-se, claramente, às tropas que se concentravam na Vila Militar. Um fato que a demonstra foi a ação, em 1922, do Regimento Andrade Neves para suprimir o levante da Escola Militar de Realengo. Outro momento foi o envolvimento das tropas da Vila, em 1935, no movimento conhecido como Intentona Comunista, quando se alinharam ao 1º Regimento de Aviação para repelir as forças da Aliança Nacional

⁵Esta localización se decidió siempre en la función de las necesidades defensivas y de control de la localidade, es decir en relación con las vías principales de acceso a la ciudad. Las preocupaciones por el dominio de la ciudad en caso de levantamiento popular [...]. Tradução nossa.

Libertadora (ANL) contra a Escola de Aviação, localizada no Campo dos Afonsos. O resultado disso foi o bombardeio, por parte da força legalista, do quartel da Praia Vermelha, onde estava aquartelado o 3º Regimento de Infantaria, que aderira à revolta (REVISTA CENTENÁRIO DA 1ª DIVISÃO DO EXÉRCITO E VILA MILITAR, 2008, p. 18-19).

Nesses casos, o que percebemos é que, pela posição da Vila Militar, torna-se possível o deslocamento rápido das tropas para as áreas de conflito em diversos pontos da cidade, deixando claro que a escolha do local não foi realizada de forma aleatória, revelando uma intencionalidade na escolha daquele lugar para a construção do que hoje vem a ser a Vila Militar. Em relação a essa localização não-aleatória, Santos (2004, p. 203) afirma que cada “atividade [neste caso em específico as atividades militares] tem um lugar próprio no tempo e um lugar próprio no espaço. Essa ordem espaço-temporal não é aleatória, ela é um resultado das necessidades (...)”.

Além dos fatores de controle da localidade e necessidade defensiva, levantados por Capel (2005, p. 331), outro fator que pode explicar a localização da Vila Militar é a disponibilidade de terra necessária para que houvesse exercícios regulares às tropas e o preço do terreno, que nas áreas mais afastada do centro são consideravelmente menos valorizadas. Conforme podemos observar no seguinte trecho:

Quanto à localização da sede na cidade, havia duas opções: uma, quando você tinha que construir um quartel em uma cidade existente; outro, quando era uma nova fortificação. No primeiro caso, o problema geralmente tinha uma solução única, isto é, o deslocamento destes grandes edifícios para a periferia, onde havia grandes terrenos indispensável para ele.⁶ (CAPEL, 2005, p. 326)

Para suprir a necessidade de adaptar o Exército às novas técnicas de combate e ao uso de novos armamentos, era mister que se dispusesse de uma grande extensão de terras para o adestramento das tropas, exercícios de manobras e de simulação de combate. Somado a isso, o valor do terreno foi um fator crucial para a localização da Vila Militar. Conforme se pode observar no seguinte trecho

⁶Respecto a la localización del cuartel en la ciudad, había dos opciones diferentes: una, cuando había que construir un acuartelamiento en una ciudad ya existente; otra, cuando se trataba de una fortificación nueva. En el primer caso el problema tenía normalmente una única solución, a saber: el desplazamiento de estos vastos edificios a la periferia, que es donde existían los grandes solares indispensables para ello. (CAPEL, 2005, p. 326). Tradução nossa.

da mensagem apresentada ao Congresso Nacional, em 1908, pelo então Presidente da República, Affonso Pena:

Para atender às exigências da higiene, comodidade, instrução e disciplina dos corpos do Exército estacionados na capital, onde muito se fazia sentir a falta de quartéis vastos e arejados, cercados de espaço para as manobras e exercícios militares, adquiriu, por preço muito vantajoso, grandes prédios e extensos terrenos em Sapopemba (BRASIL, 1908, p. 22).

As fazendas de Sapopemba e de Gericinó apresentavam as características das quais o exército necessitava para a construção de quartéis que fossem arejados e higiênicos e não alojamentos improvisados e ineficazes (MCCANN, 2007, p. 112), evitando, assim, as recorrentes epidemias que afetavam a vida dos soldados. As fazendas em 1907, ano do início das obras do Complexo da Vila Militar, eram constituídas por 170 residências agrupadas em quarteirões, sendo 66 dessas moradias destinadas aos operários. Os terrenos encontravam-se, em grande parte, divididos em pequenos lotes, sendo 123 alugados (BRASIL, 1908b, p. 68 – 69). Todas essas construções foram aproveitadas durante a construção da Vila Militar.

As fazendas ainda possuíam: uma oficina de ferreiro, uma fundição capaz de realizar grandes fundições para o preparo de diversas peças, uma serraria, uma usina elétrica, uma olaria e contava ainda com uma grande extensão de tubos e canos de abastecimento de água. (BRASIL, 1908b, p. 69). Foram necessárias diversas obras, como a reforma, a reparação e conservação da linha férrea que existia dentro das fazendas, bem como o restabelecimento e substituição dos encanamentos de água para a desobstrução do leito do rio. Além dessas, foram realizadas obras para o nivelamento do terreno, o aterramento de algumas áreas alagadas e a instalação de uma linha telefônica. O projeto da Vila Militar trazia diversas novidades que eram tidas como revolucionárias para a época. A Vila foi planejada para se tornar um bairro militar de fato, com igrejas, praças, escolas e jardins, tanto para uso dos oficiais e praças quanto de suas famílias (BRASIL, 1909, p. 44 - 45).

A construção da Vila Militar, em inícios do século XX, justificou-se pelo fato de ser necessário ao país ter condições de adaptar o exército às novas estratégias de batalha e ao uso de novos equipamentos, em uso principalmente na Europa. Portanto, podemos afirmar que as técnicas militares, neste primeiro momento, foram a força motriz na produção do espaço do bairro de Deodoro.

Sobre a importância da técnica na produção do espaço, Milton Santos (2014, p.29) afirma que as “técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Mais do que isso, as construções ali presentes foram erguidas com a finalidade de um uso militar, com regras e usos próprios, criando um espaço com uma determinada característica que perdura até os dias de hoje, conforme nos diz Santos (2014, p. 332):

Os objetos que constituem o espaço geográfico (...) são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A ordem espacial assim resultante é, também, intencional.

Portanto, a localização da Vila Militar nas antigas fazendas de Sapopemba e Gericinó, assim como todo o espaço que foi ali produzido, revela uma intencionalidade, que foi guiada para o exercício de uma determinada atividade. Mais do que isso, revela, também, toda uma lógica estatal de controle e produção do espaço.

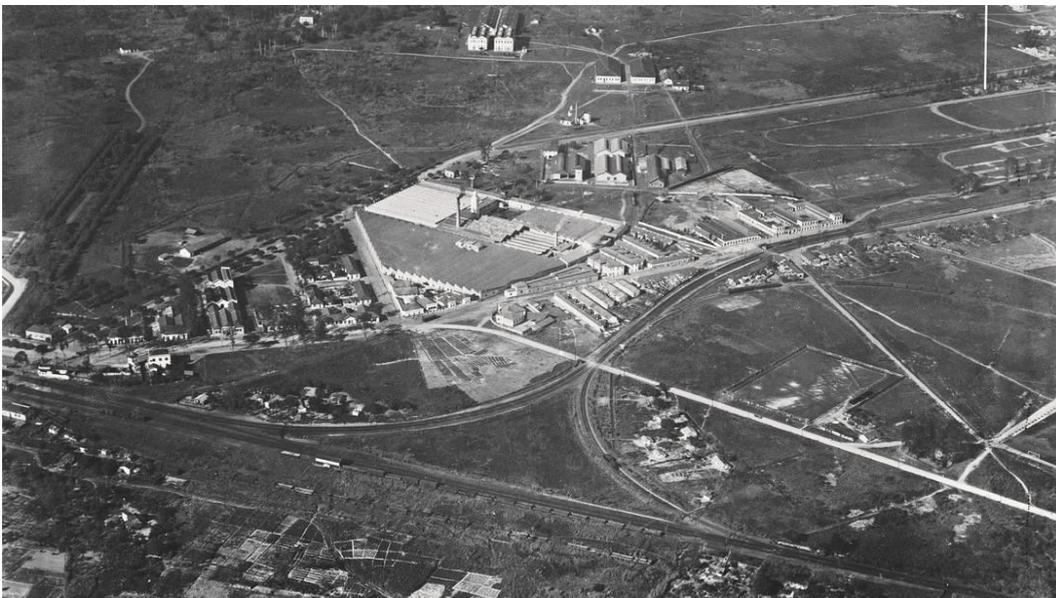
É importante levar em consideração que o espaço, para Santos (2014, p.63), “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” que não devem ser considerados de forma isolada, mas como um todo. Dessa forma, a Vila Militar vai além das formas representadas nos quartéis e escolas ali presentes. Conforme Milton Santos (2014, p. 48) analisa:

Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação.

Construída para ser um modelo a ser seguido na formação de oficiais e soldados, a Vila Militar foi um vetor na ocupação deste espaço e serviu de origem para o surgimento do bairro de Magalhães Bastos. Conforme podemos ler no seguinte trecho: “Por conta da construção da Vila Militar, foi cedida aos seus construtores civis uma parte do terreno contíguo a Vila, o que formou o bairro de Magalhães Bastos e, em 1914, a fundação de sua estação ferroviária.” (DAVIES, 2014, p. 7).

Davies (2014, p. 7) e Fernandes (2006) destacam, ainda, a ocupação do bairro de Realengo, relacionando essa ocupação com a presença da Escola Militar de Realengo, inaugurada em 1913, e com a Fábrica de Cartuchos e Artilharia de Realengo. Além disso, o bairro serviu de residência e de ponto comercial aos militares que ali viviam. Deodoro, por sua vez, foi se convertendo, com o fechamento da Companhia Tecidos de Linho de Sapopemba, em um espaço residencial. A figura 08 mostra a Companhia de Tecidos e o seu entorno, onde nota-se a presença de alguns núcleos de ocupação.

Figura 8: Companhia de Tecidos e Linho de Sapopemba (atual bairro de Deodoro)



Fonte: Fotografia aérea da Companhia de Tecido e Linho de Sapopemba em inícios do século XX. <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/veja-imagens-aereas-da-zona-oeste-nas-decadas-de-1930-1940-14815540> Acesso em: 01 de dezembro de 2015

Dessa forma, observamos que no bairro de Deodoro, a lógica de produção do espaço voltada para um uso militar, com regras e usos de controle, foi um importante condutor na ocupação deste espaço, juntamente com a linha férrea. Esse fato influencia a maneira como os moradores desses bairros se relacionam com o espaço. Se num primeiro momento observamos que existe uma sensação de segurança com a presença de um aparato militar, podemos notar que este espaço também é voltado para uma forma de uso por vezes conflituosa e ameaçadora à vida. Entretanto, tanto o bairro de Deodoro quanto o bairro da Vila Militar, passam por profundas mudanças em decorrência da escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede para as Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2016, as quais estão

promovendo profundas transformações nas relações de uso de seus moradores.

2.3

A “Região Olímpica de Deodoro” e a representação do Bairro de Deodoro-RJ dentro da representação da “Cidade Olímpica”

A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, através de propagandas e, principalmente, das redes sociais, vem apresentando as quatro “Regiões Olímpicas” da cidade (Maracanã, Deodoro, Barra da Tijuca e Copacabana), tal como o andamento das obras e os eventos que serão realizados nos Jogos Olímpicos e Paraolímpico de 2016. Essas “regiões olímpicas” podem ser observadas na figura 09, num mapa confeccionado pela Prefeitura do Rio de Janeiro como material de divulgação:

Figura 9: Distribuição das “regiões olímpicas” da Cidade do Rio de Janeiro



Delimitação das ‘Regiões Olímpicas’. Fonte: <http://www.riodejaneiroaqui.com>. Acesso em 17 de setembro de 2015.

Conforme podemos observar no mapa da figura 09, os limites das quatro

“regiões olímpicas” não condizem exatamente com os limites dos bairros os quais fazem referência no nome. Segundo Davies (2014, p. 2):

(...) fica claro que o Rio 2016 e os outros promotores do megaevento atribuem a esse termo um formato territorial impreciso, definindo-o através de “círculos” sob o mapa da cidade, borrando os limites dos perímetros que agregam Parques e Arenas que, por vezes, estão distanciados geograficamente. No caso da “região olímpica do Maracanã”, por exemplo, estão reunidos o complexo esportivo de mesmo nome e um outro estádio localizado em Engenho de Dentro (o “Engenhão”) a 9 quilômetros dali. Já a “região olímpica de Copacabana” agrega não só os equipamentos desse bairro, mas também da Lagoa Rodrigo de Freitas e a da Marina da Glória, espaços separados por até 10 quilômetros.

Chamamos a atenção para a “Região olímpica de Deodoro” que, apesar de receber o nome de Deodoro, fazendo alusão ao bairro, possui suas instalações esportivas, para a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, em sua maioria, localizada dentro do perímetro do bairro da Vila Militar. Apenas a Vila dos Árbitros se encontra dentro do bairro de Deodoro propriamente dito, apesar de se encontrar dentro de um terreno pertencente ao Exército Brasileiro. Entretanto, embora o bairro de Deodoro não conte com os diversos aparatos olímpicos, como o nome da região sugere, estão sendo realizadas, no bairro, importantes obras de mobilidade, principalmente no entorno da estação de trem, na qual serão realizadas as baldeações entre os novos corredores expressos do BRT Transbrasil e do BRT Transolímpico. Além disso, poderá reforçar a sua vocação como eixo para a mobilidade urbana da cidade, pois é no bairro que são feitas, atualmente, outras baldeações de trem para a zona oeste (ramal Santa Cruz) e Baixada Fluminense (ramal Japeri), além de ligar outros bairros do subúrbio carioca ao Centro da cidade (ramal Deodoro).

Essa forma de regionalização da cidade por “regiões olímpicas”, assim como a própria representação da “Cidade Olímpica”, de acordo com Davies (2014, p. 5), alia-se a um o modelo de planejamento estratégico que vem se desenvolvendo sob as políticas urbanas, cujo objetivo é focalizar investimentos em áreas com certas ‘vocações’ que, ao final, maximizam a potencialidade de ‘mercantilização’ do tecido urbano. Assim, pensamos que essa regionalização proposta pela prefeitura, de forma a divulgar os locais de realização das provas

esportivas, leva em consideração apenas o aspecto normativo⁷ da região (e do processo de regionalização), como um instrumento de ação do Estado, ignorando outros aspectos importantes na formação destes dois bairros, como o vivido⁸ pelos moradores do bairro de Deodoro e a sua relação com o bairro da Vila Militar. Para Haesbaert (2010, p. 117), as abordagens funcionalistas de região acabam por negligenciar a dimensão específica do vivido. Para o autor (2010, p. 109), a região, e o consequente processo de regionalização, não é simplesmente um “fato” (concreto), um “artifício” (teórico), ou um instrumento de ação. Na verdade, é o conjunto indissociável de todos esses fatores. Dessa forma, o autor propõe a região como um “artefato”, assim:

A região vista como *artefato* é concebida no sentido de romper com a dualidade que muitos advogam entre posturas mais estritamente realistas e idealistas, “construto” ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação do espaço, seja de uma construção identitária a partir do espaço vivido) e material- funcional (nas práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada). “Arte-fato” (com hífen) também permite indicar que o regional é abordado ao mesmo tempo como criação, autofazer-se (“arte”) e como construção já produzida. (HAESBAERT, 2010, p. 109-110)

Haesbaert (2010, p. 110) sintetiza a discussão sobre a região como “artefato” nos seguintes pontos:

⁷ Haesbaert (2010, p.95) define três caminhos de referência para a região e o processo de regionalização, que são:

- uma abordagem mais “realista” da região como fato, tanto no sentido epistemológico mais tradicional da região como um dado, evidência empírica externa ao sujeito conhecedor (ao qual caberá então “reconhecê-la”), quanto no sentido mais ontológico da práxis que, a partir daí, propõe trabalhar com a interação sujeito/objeto, teoria/prática;
- um sentido de viés mais estritamente epistemológico, em abordagem racionalista, da região como artifício ou construto que, enquanto instrumento metodológico, responde a questões analíticas, tornando-se assim, “operacional” para os requisitos e/ou objetivos do investigador;
- um sentido mais normativo ou “pragmático-político” (do que a região “deve ser”), da região como instrumento de ação e/ou projeto de intervenção no real, ou seja, de alguma forma vinculada a mecanismos de planejamento e ação.

⁸ Haesbaert (2010, p. 116) destaca o vivido na análise regional da seguinte maneira:

Como o homem é um ser reflexivo, ele re-age tanto sobre/com os objetos (compondo assim “práticas espaciais” ou um “espaço percebido” e “espaços de representação” ou um “espaço vivido”, nos termos de Lefebvre [1986]) quanto sobre/com as próprias ideias a respeito desses objetos (as “representações do espaço” ou o “espaço concebido”). Desse modo, diz Agnew, o “comportamento humano não pode ser reduzido a um ou a outro, mas constituído pelos dois”. Obviamente, então, “regiões refletem tanto diferenças no mundo quanto ideias sobre diferenças.” (1992:92)

-a região como produto-produtora dos processos de diferenciação espacial, tanto no sentido das diferenças de grau quanto das diferenças de tipo ou de natureza, tanto das diferenças discretas quanto das diferenças contínuas;

-a região como produto-produtora das dinâmicas concomitantes de globalização e fragmentação, em suas distintas combinações e intensidades, o que significa trabalhar a extensão e a força das principais redes de coesão ou, como preferimos, de articulação regional, o que implica identificar também, por outro lado, o nível de desarticulação e/ou de fragmentação de espaços dentro do espaço regional em sentido mais amplo;

-a região construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais (basicamente o Estado, as empresas, outras instituições de poder e os distintos grupos socioculturais e classes econômico-políticas) em suas lógicas espaciais zonal e reticular, acrescentando-se ainda a “i-lógica” dos aglomerados resultante principalmente de processos de exclusão e precarização socioespacial (...), cuja consideração é hoje, cada vez mais, imprescindível.

Davies (2014, p. 3) destaca que, ao nomear a “região olímpica” como Deodoro, reforça a invisibilidade do bairro na representação da cidade. De fato, ao observar os vídeos de divulgação⁹ produzidos pela prefeitura do Rio de Janeiro, somos levados a acreditar que as ruas bem alinhadas e arborizadas do bairro da Vila Militar (figura 10) são pertencentes ao bairro de Deodoro (figura 11). Isso contribui para aprofundar a confusão sobre os dois bairros da cidade, que possuem muito em comum em sua formação e ocupação.

Figura 10: Paisagem do Bairro da Vila Militar



Fonte: Arquivo pessoal

⁹<https://www.youtube.com/watch?v=6gur-udLbjk> Acesso em 17 de setembro de 2015

Figura 11: Paisagem do Bairro de Deodoro na altura da Estrada do Camboatá



Fonte: Acervo pessoal

Souza (2015, p.155) acrescenta ao afirmar que, por diferentes interesses, estatais ou do capital imobiliário, os bairros, suas imagens e seus limites podem sofrer interferências, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Assim como regiões, identidades regionais e regionalismos podem ser manipulados ou pelo menos influenciados por interesses e projetos de poder de elites regionais e por planos de um governo central (...), do mesmo modo os bairros, suas imagens e seus limites podem ser condicionados por intervenções do Estado e, na verdade, pelo próprio capital imobiliário, que pode ter interesse em “ampliar” os limites de certos bairros valorizados, criar ou recriar imagens e identidades, e assim segue. Os próprios moradores, diante de processos de declínio do status de um bairro, podem atuar como agentes de alteração ou “flexibilização” dos seus limites espaciais.

Esse “encobrimento” do bairro de Deodoro das representações da “Cidade Olímpica” é algo que nos chama a atenção. Sobre isso, Lefebvre, (1983, p.54) nos diz que toda representação implica um valor. Dessa forma, a inclusão de terminados bairros nas representações cidade do Rio de Janeiro reflete a visão de mundo de determinados grupos sociais. Reforçando Lefebvre (1983), Sanchez (2007, p.35) nos auxilia ao afirmar:

Como construção social, a produção da imagem da cidade está intrinsecamente ligada a representações e valores. Encontra-se, portanto, subordinada à visão de mundo daqueles atores que se impõem nos processos de produção do espaço e que são, ao mesmo tempo, aqueles que ocupam posição privilegiada para enunciar uma intenção de cidade. O projeto de cidade é ação material no espaço (urbanística, cultural, econômica), junto com uma intenção de cidade, que dá conteúdo ao discurso sobre o espaço.

Haesbaert (2010, p. 116), ao citar Bourdieu, acrescenta:

(...) nas palavras de Bourdieu (1989), a região encontra-se no âmago de uma retroalimentação permanente entre representações da realidade ('divisões da realidade') e realidade das representações ('realidade das divisões').

As representações do bairro de Deodoro ocultam aquilo que não é de interesse, principalmente do poder público e da grande mídia, do ideário da "Cidade Olímpica" e da imagem "oficial" do Rio de Janeiro. Essas representações, tanto da cidade do Rio de Janeiro, como do bairro de Deodoro, são reforçadas através do uso massivo de propagandas e do uso de imagens veiculadas, através da televisão, e das redes sociais, por meio da internet. Além das entrevistas, nas quais frases de efeito como: "Deodoro vai ficar fashion", proferida pelo prefeito Eduardo Paes em entrevista ao Jornal O Globo do dia 05/05/2013, vão construindo esse espaço imaginário no bairro e reforçando essa forma de representação, bem como a invisibilidade do bairro, de seus problemas e moradores. De acordo com Sanchez (2001, p. 36):

As representações são também carregadas de intencionalidade: visam à produção de efeitos na realidade social. Assim, a construção de imagens opera necessariamente com sínteses, seletivas e parciais, que dão relevância a alguns aspectos e omitem outros, respondendo ao universo especial de interesses que a constroem e aos objetivos que se pretendem.

Assim, Lefebvre (1983, p. 52) nos auxilia ao esclarecer que as representações são:

Inevitáveis e até mesmo necessárias, as representações não são, entretanto, verdadeiras por essência. Nem falsas. É uma operação mais, uma atividade reflexiva, que lhes dá verdade e/ou falsidade, relacionando-as com as condições de existência das pessoas que as produzem. As representações são falsas naquilo que

apontam e dizem, mas verdadeiras em relação ao que suporta.¹⁰

A mídia e os meios de comunicação são atores importantes neste jogo, pois é através destes que são reforçadas as imagens síntese das cidades e em suas representações. Lefebvre (1983, p. 68) destaca o papel da publicidade e dos meios de comunicação na construção das representações:

[...] a técnica dos meios de comunicação de massa fortalece as representações apresentando-as nas telas ou pelas falas no rádio. Tornam-se fortes seja isolando-as (uma imagem, uma palavra), seja condensando e totalizando um conjunto de imagens, de palavras.¹¹

Sanchez (2001, p. 37), sobre a publicidade e a mídia, nos diz:

[A publicidade] Exerce um verdadeiro fascínio sobre a sociedade civil e política, e tem força de pressão na elaboração de imagens coletivas que possam ser absorvidas nas representações de indivíduos e grupos. Tem também poder para construir ou destruir a identidades de atores individuais ou coletivos.

Em seu papel de mediadora entre os cidadãos e a cidade, a mídia é estratégica para os governos locais, pois realiza a espetacularização da cidade e molda as representações acerca de sua transformação.

Para Maricato (2000, p. 166), o marketing assume um importante papel no processo de construção de uma representação:

A manipulação das informações na construção da ficção é atribuída à genialidade de alguns técnicos de marketing, que conhecem os valores e anseios populares. Ela leva em conta aspectos que estão plantados no imaginário da população, ligados a seus paradigmas históricos, à sua identidade ou ainda à sua vontade de mudança de paradigmas existentes.

Sanchez (2001, p. 41) nos auxilia ao afirmar:

A publicidade em televisão, rádio, imprensa e demais meios de comunicação e informação que, nos casos analisados, têm sido intensamente utilizados como

¹⁰Inevitables y quizá necesarias, las representaciones no son sin embargo verdaderas por vocación, por esencia. Ni falsas. Es una operación ulterior, una actividad reflexiva, la que les confiere verdad y/o falsedad relacionándolas con las condiciones de existencia de quienes las producen. Las representaciones son falsas en lo que apuntan y dicen, pero verdaderas con respecto a lo que las soporta. Tradução nossa

¹¹(...) la técnica de los medios de comunicación masiva fortalece las representaciones presentándolas en la pantalla o por el habla radiofónica. Se vuelven fuertes sea aislándose (una imagen, una palabra), sea condensando y totalizando un conjunto de imágenes, de palabras. Tradução nossa

veículos construtores de determinadas leituras da cidade, intervêm decisivamente na criação de valores culturais e de representações sociais que, por sua vez, promovem determinados comportamentos e formas de utilização dos espaços públicos.

É interessante observar, também, como é vendida, nessa representação do bairro de Deodoro, a ideia de um suposto consenso para se justificar as intervenções na cidade, mesmo que estas mudanças, voltadas para a realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, sejam prejudiciais à população (através de remoções, por exemplo), principalmente a mais carente. Harvey (2010, p. 158) explica:

Os clamores do publicitário são usados para convencer a população de que o novo desenvolvimento [...] promete uma relação mais saudável com a natureza, uma forma mais satisfatória de sociabilidade e de vida diária, novas tecnologias de vida e uma localização brilhante para o futuro.

Maricato (2000, p. 165) também destaca o papel da mídia e da publicidade como importantes elementos na dissimulação da realidade representada, conforme podemos observar no seguinte trecho:

É evidente que a publicidade insistente e a mídia, de um modo geral, têm um papel especial na dissimulação da realidade do ambiente construído e na construção da sua representação, destacando os espaços de distinção. É evidente também que a representação ideológica é um instrumento de poder – dar aparência de “natural” e “geral” a um ponto de vista parcial, que nas cidades está associado aos expedientes de valorização imobiliária. A representação da cidade encobre a realidade científica.

A divulgação sistemática de imagens com paisagens que objetivam mostrar para a população uma simulação da realidade de como a cidade ficará após o fim das obras, representa um ideário de cidade, como a “Cidade Olímpica”, conforme nos diz Maricato (2000, p. 165 -166): “Uma intensa campanha publicitária leva uma ficção à população (...)”. Segundo Ferreira (2013, p. 54), o uso das imagens virtuais é uma estratégia para encobrir as tensões na produção do espaço. Sanchez et. Al. (2015, p. 5) complementa ao afirmar:

As representações produzidas para a “venda da cidade do Rio” podem ser interpretadas como peças de afirmação da hegemonia local, pelas quais o poder de classe das elites é legitimado e oferecido ao consumo do estrangeiro, onde a cultura popular ressurgiu pacificada, as misturas sociais são toleradas e as diferenças

domesticadas, para valorizá-las como traços da urbanidade carioca. Diversidade e harmonia num sítio de grande beleza paisagística produzem a imagem-síntese que remete ao mito de origem da “Cidade Maravilhosa”, que busca consensos ao mesmo tempo em que dilui conflitos.

Ao visitarmos as páginas de divulgação das obras para as Olimpíadas da Prefeitura do Rio de Janeiro na internet, principalmente através dos vídeos institucionais¹², feitos para a divulgação das obras e do trajeto dos corredores expressos e das arenas esportivas, observamos a criação de uma paisagem, por enquanto, irreal e genérica do que poderá vir a existir com o fim das obras. Dessa forma, podemos afirmar que, antes mesmo das obras estarem concluídas, o espaço é consumido. As imagens e tudo o que elas representam são produtos, e como tal são consumidas, como esclarece Ferreira (2011, p. 55):

Agora, mais do que antes, podemos afirmar [...] que, se o valor de uso já se submete ao valor de troca no mecanismo central de reprodução do capitalismo, na fase da sociedade de consumo e da supervalorização das imagens, nós passamos a consumir a construção da representação do produto, antes mesmo de consumi-lo enquanto mercadoria em sua concretude.

Os vídeos e as fotomontagens vistas nesses sites ajudam a esconder os conflitos que obras deste porte trazem, pois é passada a ideia de inevitabilidade frente aos avanços técnicos, mais do que isso, a imagem colocada na paisagem é tida como um fato. Sobre isso, Ferreira (2013, p. 58) nos diz que:

[...] ao pensar a paisagem como marca e matriz, leva-nos a imaginar que o uso da tecnologia digital na representação da paisagem, reforça aquilo que estamos chamando de imagem virtual transformada em paisagem. Trata-se de uma dupla dimensão: a paisagem é marca, porque expressa a sociedade; a paisagem é matriz porque influencia nossos esquemas de percepção, de concepção e de ação. Ou seja, quando a imagem é “colocada” em uma paisagem que reconhecemos, acabamos concebendo aquilo como posto, como já dado.

As figuras 12 e 13 demonstram o que Harvey (2010) e Ferreira (2011, 2013) disseram. Ao observar as fotos, podemos ver claramente uma promessa de uma

¹²Ver os seguintes links: <http://www.cidadeolimpica.com.br/especiais/brt-transolimpica-caminho/>; <https://www.youtube.com/watch?v=3Z0ADdniUN4>. Essas páginas contêm informações sobre as obras que estão ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro para a realização dos jogos olímpicos. É interessante observar como a questão do tempo e da velocidade de circulação são enfatizadas nos vídeos, mais do que isso, como não se diz absolutamente nada sobre as demolições e remoções previstas para a passagem do corredor, como se simplesmente as construções observadas nos vídeos não existissem, ou fossem apenas um obstáculo a ser superado.

relação mais saudável com a natureza, ao enfatizar a área verde ao redor do Parque Radical (figura 12), sendo um exemplo de como consumimos a paisagem antes mesmo dela estar pronta. É interessante notar, também, que na montagem são excluídas as moradias de baixa renda, as quais existem ao redor da área de construção. Essa exclusão mostra que essas obras, de fato, estão sendo realizadas para atender as demandas dos jogos Olímpicos, não sendo prioritárias as necessidades dos moradores dos bairros próximos ao complexo olímpico (figuras 12 e 13).

Figura 12: Fotomontagem da área do Parque Radical de Deodoro



Fonte: Material de Divulgação da Cidade Olímpica. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/capa-instalacoes/deodoro>. Acesso em 02 de março de 2015.

Figura 13: Obras do Parque Radical de Deodoro



Fonte: Material de divulgação da Cidade Olímpica Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/capa-instalacoes/deodoro>. Acesso em 02 de março de 2015.

O governo, através das propagandas em diversas mídias, ao mesmo tempo invoque a população ao dizer que as obras melhorarão o deslocamento pela cidade, no caso dos BRTs e das arenas esportivas, enfatizando uma melhoria de vida, mas, ao mesmo tempo, segrega uma parcela da população que constitui um obstáculo ao processo de acumulação, conforme afirma Harvey (2010, p. 152):

A paisagem geográfica da acumulação do capital está em perpétua evolução, em grande parte sob o impulso das necessidades especulativas de acumulação adicional (incluindo a especulação sobre a terra) e, só secundariamente, tomando em conta as necessidades das pessoas.

Harvey (2010, p.155) também nos diz:

A criação e recriação de relações de espaço cada vez mais novas para as interações humanas é uma das conquistas mais marcantes do capitalismo. A reorganização drástica da paisagem geográfica da produção, da distribuição e do consumo com as mudanças nas relações de espaço não é apenas uma ilustração dramática da tendência do capitalismo para a aniquilação do espaço no decorrer do tempo, mas também implica ataques ferozes de destruição criativa – por exemplo, o reator a jato complementa e até substitui o motor de combustão interna como principal meio para definir acessibilidades espaciais.

Sendo assim, a representação da “Região Olímpica de Deodoro”, contribui para a legitimação de uma determinada leitura de uma determinada cidade e reflete o ponto de vista de um determinado grupo social. Essas representações contribuem para escamotear a realidade dos bairros que estão inseridos nesta “Região Olímpica” genérica e contribui para o processo de invisibilidade destes

bairros, principalmente do bairro de Deodoro, o qual a prefeitura, ao enfatizar as obras para os jogos olímpicos através das propagandas, confunde, de forma proposital, os bairros da Vila Militar, que contará com os aparelhos esportivos, com o bairro de Deodoro, que será o ponto de baldeação dos BRTs e dos trens da Supervia.